ANO II — Lisboa—Terça-feira, 12 de Março de 1918 — N.º 318

Poça:ter:e
poça:gren

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João A. Santos

Telefone: C. 1635

Ainda a festa de "A Monarquia"

Saudações ao exercito. A representação da lavoura. O problema da Arte. A questão religiosa

Tem depois a palavra o sr.

Dr. Luis de Almeida Braga,

que diz:

Na hora incerta que passa, cheia de agouros e cheia de dores, nada podia levantar tão alto o meu coração como o nobilissimo encargo de saudar em nome do *Integralismo Lusitano*, aqueles bravos soldados portuguezes que na terra extrangeira da França, e na esquecida Africa, entre perigos sem nome, estão com seu proprio sangue compondo a aurora que hade iluminar o dia de amanhã!

Mas como á volta de uma lareira a familia lembra com mais saudosa ternura o que ali teem lugar, assim o nosso pensamento deve demorar-se tambem na recordação daqueles camaradas que comnosco confessam a verdade imortal que aqui nos reune.

Seja-me ao lado do illustre representante de Sua Magestade El-Rei o alferes Luis de Portugal da Fonseca e Mello, e no seu heroismo, na sua coragem e na sua abnegação eu vejo essa mocidade admiravel das trincheiras, que a Patria olha cheia de anciosa confiança.

Parecia perdida a lembrança das glorias passadas. Um profundo negrume cobria a terra de Portugal. Mal tremeluzia ao longe a luz incerta de uma estrela. E nas trevas em que a Patria jazia ninguem ousava levantar os olhos para o futuro.

A politica reduzira-se a asperos conflitos de ambições pessoaes; o exercito vivia desprezado e humilhado; gente sem escrupulos desmoralisara o povo. Vai clareando agora o horizonte. Sobre a Patria entristecida ergue-se uma radiosa aurora. Virilisada pela guerra, a nova geração procura ligar o presente ao passado, para que a Nação possa seguir o destino que oito seculos de Historia lhe traçaram.

Quem não alongar os olhos pelo passado não poderá nunca distinguir o futuro, dizia Burke. E Bulwer escrevia que é impossivel ter ideias exactas e precisas sobre o futuro de uma nação da qual se não estudou o passado.

A alma dos vivos é afeiçoada pela alma dos mortos. Só aparentemente são efemeros os nossos actos. Durante seculos se prolongam eles, repercutindo indefinidamente. E' tecida no presente a vida do porvir.

Não ha Nação que possa desprezar a continuidade, porque um povo não é apenas a simples soma dos cidadãos vivos: é por uma uma parte composto dos mortos por outra dos nascituros.

O presente é incompreensivel sem o passado e o futuro. Mais ainda que ao amor á terra natal, é no culto dos antepassados que devemos alicerçar o patriotismo. O culto dos mortos ensina a compreender o que é a Patria, as ideas e os sentimentos que a fortaleceram e tornaram grande.

«Nenhum povo é já agora digno de viver se se não elevar no culto consciente da sua tradição nacional. Porque a tradição é o lar sagrado onde os povos teem de ir buscar agasalho e força com que partam depois mais fortes para o futuro», escreveu algures o grande poeta Afonso Lopes Vieira, que, na sua caricosa imagem, tem aplicado sobre a chaga do nosso vasto galicismo, o linho alvo e perfumado de um portuguës sem mescla.

Sinto vivamente que a doença o tivesse retido longe, porque senão caber-nos-hia a honra de lhe ouvir repetir a divisa de Julio Lemaitre: «*Inveni portum*».

Porque um profundo e sentido nacionalismo o anima e aquece, toda a sua alma se poz em alerta quando soube que tam ser desrespeitados os ossos sagrados de Nuno Alvares. Com Affonso Lopes Vieira nos encontramos então e a seu lado nos coube a gloria de vencer.

Não quiz o Poeta deixar-nos esquecidos no seu coração e para que mais alto suba a labareda da nossa fé, veio até nós com estas lindas palavras que eu tenho a honra de comunicar-vos:

Saudo-o e aos seus companheiros como aos bravos e caros camaradas com quem me encontrei na batalha em que intentamos reaportuguezar Portugal não podendo assistir envio estas saudações verdadeiras de emlizade de admiração e solidariedade espiritual.

Affonso Lopes Vieira.

Das veredas errodias do socialismo tambem Oliveira Martins chegara um dia, tendo nas mãos abertas só desilusões. Aclamando a politica da Terra do Regente, uma nova crença o possuiu e o resto da sua vida todo foi consumido pedindo ordem e autoridade.

Porém, só um poder legitimo e tradicional pode ser autoritario sem se tornar despotico ou violento. Como ensina o Marquez de La Tour du Pin, a ordem não nasce espontaneamente na sociedade; é necessario uma autoridade que a imponha. Foi sempre anarquica a escolha dos superiores pelos inferiores.

A democracia, pelo espirito e pelas suas instituições, enfraquece e torna instavel a vida da Nação constituida sobre as mais solidas bases.

Leiam-se as confirmações da Historia, os exemplos claros e apavorantes das Democracias antigas e modernas. Invoque-se a Athenas de Filipe, a Polonia do Tempo de Catharina, e de Frederico, a Russia de hoje, porque eu escondo-me de dizer o Portugal de agora...

Escondo-me de dizer o Portugal de agora porque as fortes e confortantes verdades reaccionarias teem hoje a mocidade a batalhar por elas. A gente nova não deixará perder-se a independencia da patria numa guerra de partidos.

Sobe das trincheiras um cantico de esperança. A nação que dilatou a fé, que tem dentro das suas fronteiras Santa Maria da Batalha e Santa Maria de Belem, não pode morrer.

Por muitas vezes se julgou certo o fim de Portugal. Cuidou-se que Portugal morria quando D. Fernando deixou cair o coração e o Reino no regaço brando de Leonor Telles; e logo apareceu D. João I e amanheceu o sol de Aljubarrota; quando o crescente da Moirama cobriu o somno dos soldados de Alcacer-Ribir, tambem se julgou que a morte de D. Sebastião era a morte de Portugal; Camões, não contente de morrer na Patria, queria morrer com ela. E em breves horas o Reino renascia, gritando real, real, por D. João IV, rei de Portugal!

Vieram depois as tropas de Junot e Massena; o mundo inteiro vergava á gloria do seu nome, mas a aguia napoleonica desplumou-se, num ocaso de sangue, nas serranias do Bussaco!

E já nos nossos dias, de tão funda e abatida tristeza que, na verdade, parece que Portugal agonisa, as folhas das espadas de Mousinho de Albuquerque, de João Coutinho, de Ayres de Ornelas, de Teixeira Pinto, de João de Almeida, de Paiva Couceiro, batidas pelo sol de Africa, espalham um claro luar de esperança por toda a terra portuguêsa!

Mas se tudo estivesse perdido, dizem-nos os nossos soldados que saberiam imitar os mancebos de Sparta, e com a ponta da espada haviam de por suas mãos gravar o epitafio: ó viandante, vai dizer que nós caimos aqui pela nossa fé!

Uma vez que as granadas inimigas revolviam o campo onde se encontrava o nosso querido e grande amigo Pequito Rebello, houve um soldado que lhe aconselhou: — Agache-se, meu alferes. E Pequito Rebello, com a serenidade augusta dos heroes, responde simplesmente esta palavra admiravel, que é toda a razão de uma vida: — «Eu só me curvo deante de Deus!»

E ficou de pé, sob a benção divina, desafiando a morte. Ao lado de Pequito Rebello estava então o invisivel exercito dos nossos mortos compondo a sua vontade e guiando o seu animo.

E' com esta mocidade magnifica que a restauração do Portugal-Maior caminha para a sua realisação proxima.

A gente nova, liberta dos preconceitos revolucionarios, corre assim, com o costumado ardor, para a defeza das doutrinas que lhe dão a segurança intelectual e lhe satisfazem as suas esperanças patrioticas. Os rapazes de hoje, arrigimentando-se á sombra do Pelicano, levam no peito a Cruz de Christo.

Certa noite de fundo negrume, pezada e densa, de tão marcado silencio que o ouvido atento sentiria roçar por ali a aza da morte, perguntou-se nas primeiras linhas quem aceitava uma missão arriscada.

Quizeram-a para si os oficiais integralistas que ouviram o convite. E quando a ronda saiu das trincheiras levava ao alto a bandeira do Integralismo e com ela correram a *Terra de Ninguem* até onde se erguia a sebe das baionetas alemãs.

O que justamente melhor caracteriza o estado de espirito da gente nova é a classificação do *Integralismo Luzitano*, porque a palavra *conservador* pode ser tomada como a designação dum partido.

A Monarquia não é senão a conclusão pratica do Integralismo, porque corresponde ao espirito nacional, ás necessidades da Patria, porque é numa, palavra, a verdade historica portuguêsa.

Dar ainda uma missão no mundo a Portugal, assegurando-lhe uma prosperidade sempre maior e mais alta, tal é o culto do Integralismo.

O Integralismo não é um partido nem o pode ser. Tirando as raizes da sua doutrina da alma no grei, o integralismo é uma liga de consciencias concordes numa dada visão da historia e da vida da Raça. A obra do Integralismo Lusitano consiste em imprimir uma direcção nacional á juventude portuguêsa. O primeiro dever de todo o integralista é dar á nação os meios de a tornar forte e grande.

Assim o entende e cumpre o heroico alferes Luis de Portugal, ferido glorioso da guerra, com 8 cicatrizes perpetuando-lhe o valor. O alferes Luis de Portugal foi um dos meus companheiros na jornada amarga da Galiza. Foi ele o porta bandeira da coluna do capitão Souza Dias. A gloria que hoje lo cobre enche-nos a todos nós de orgulho. A citação feita em ordem do regimento lhe foi feita é uma cruz de guerra por suas mãos posta na bandeira do Integralismo.

Diz assim a ordem da 1.ª Brigada de Infantaria, em 5 de Dezembro de 1917:

«Art. 3.º—Que seja louvado o alferes de infantaria 22, Luis de Portugal da Fonseca e Mello, pelo cuidado que mostrou pelo serviço ao tomar conta do sector que pela primeira vez ia ocupar e sobretudo porque sendo gravemente ferido por ocasião de um grande bombardeamento de morteiros feito pelo inimigo, bem como a sua ordenança, cuidou imediatamente dos socorros a prestar a esta; desprezando os seus, praticando assim um acto de abnegação.»

Brindando pelo alferes Luis de Portugal, brindo por todos os nossos amigos que á terra alheia foram mandados defender a Terra da Patria!

A assistencia, como que electrisada pelo verbo fluente e caloroso do dr. Luiz d'Almeida Braga, ergue-se e aplaude com delirio.

Levanta-se á seguir o sr.

Dr. Hipolito Raposo

que diz:

No proposito renovador que une para este combate os nossos esforços de bons portugueses, não pode ser esquecida a arte, como uma das mais altas categorias a considerar no inventario de todos os valores:

A mesma logica que nos obriga a sacrificar á Nação e ás indicações da sua condicionalidade todos os problemas do espirito na politica e na economia, conferindo-lhe o primado das realidades, nos manda incluir a arte entre os elementos de uma perfeita nacionalização.

Não que hajamos de preetituar regras na concepção ou modelos para a execução, como se fosse possivel alguem esquecer a funesta disciplina das velhas academias...

Sendo o fenomeno estético naturalmente social, incompreensivel ficaria sem finalidade, ainda quando o artista, entregue á sugestão alheia, já se dispensa de lhe atribuir as intenções que outros tiveram antes dele.

O Nacionalismo em arte

Reconhecido o valor social da arte, por natureza e destino, forçosamente se nos impõe, neste periodo de restauração nacional, o incitamento e o aplauso preferente áqueles realizações que tomarem por motivo ou justificação, a fisionomia das nossas paisagens, da terra e do mar ou que aos olhos renovem a força, a virtude e a beleza, os cristais mais puros da nossa alma de herois, de santos e de poetas.

Seja a nossa arte o reflexo da nossa luz, o eco da nossa fala em cabanas e salões, perpetuando a alma da Raça na espiritualidade das formas, como se encadeiam no ritmo do sangue, pelo curso do tempo, as caras e os corações!

Não desaprendamos de chorar, porque a dor vivida em trabalhos e naufragios é maior do que a que estremece nos versos de Esquilo ou nos tercetos de Dante; mas cantemos á claridade do sol a ternura maternal da terra onde foi embalado o nosso berço, á vontade de Deus-Criador.

Confessemos altivamente o nosso nacionalismo, como crença de verdadeiro resgate para os que hão de vir, lembrados sempre de que a nossa convicção traz raizes da terra e do sangue que são a eternidade da propria vida.

Para nos revelar em arte, transfigurando-nos na alma dos sons, das formas e da luz, temos menos que prescrever do que eliminar, não devemos impôr, mas escolher.

Salvemos sempre o espirito nas formas que não o matarem ou corromperem, em nome de uma estética de hospital ou de uma sensibilidade de pervertidos.

Do patrimonio antigo, conservemos a alumiar-nos o clarão de beleza a que se abriram as azas da Vitória de Samotrace, a disciplina do tempo em que o homem era a medida das coisas e se encontraram duas regras de equilibrio eterno: a coluna jónica e o verso hexametro.

Se a *Via Sacra* de Roma levava ao Capitolio, em todo o Ocidente Latino, pela trajectoria de vinte seculos de pensamento novo, por ela foi caminhando a procissão em que se glorifica o triunfo da Inteligencia.

A Idade Media portuguêsa proclama a supremacia das armas cristãs sob as naves da Sé de Coimbra; nas pedras da Batalha lavra cantando as estrofes heroicas da independencia, e mais tarde, ao lado do galeão naufragado do Mosteiro dos Jeronimos, alevanta-se a Torre de Belem, torre de menagem do senhorio de todos os mares.

E á sombra destes marcos de triunfo, queremos que refloreçam amanhã as inspirações da arte popular que se enraiza nas pedras da Citania e canta na harmonia das formas do barro e do bronze, por colina e vale.

Aceitar o passado com todo o seu patrimonio glorioso e funesto, é justificar nele os estimulos do nosso pensamento e acção, para que, embora outro seja agora o nosso destino, em comunhão nos encontremos com aqueles de quem vimos no culto á independencia, á grandeza e á honra da Patria.

Proclamemos bem alto que queremos ser portugueses de Portugal e não outra geração de traidores desnacionalizados ou vendidos a poderes ocultos do estrangeiro. A nossa atitude no que respeita á nacionalização da arte, não se reduz já hoje felizmente á formula de um simples desejo—sem falar em realizações anteriores a nós e fóra ainda do nosso grupo, tenho o prazer de saudar Luis Chaves que da pedra dos seculos desenterra as mais belas flores da sensibilidade portuguesa; Carlos Lobo d'Oliveira, poeta de tão suaves ritmos; Séves d'Oliveira, o evocador admiravel das paisagens da sua terra; Norberto Correia, o arquitecto ilustre, cujos projectos honram a arte da construção; Luis de Freitas Branco, o primeiro dos nossos musicos compositores.

Erros e principios

O nosso caminho é bastante franco, direito a seguro, para que nos detenhamos a escutar se alguns cachorros ladram á nossa passagem.

Somos uma ideia em marcha que nenhum capricho ou hostilidade já podem deter; e, se alguns de nós vierem a cair no percurso, eles fecharão nos seus olhos o esplendor da bandeira que ha de chegar ao destino da vitoria.

O nosso pensamento, nas formas politico-sociais em sua maior amplitude, não é restaurar o passado, erro que nos levaria a reviver a vida já morta, a repetir a ficção em que resultou o movimento da Renascença, viciando a moral pelo individualismo pagão, o poder publico pela miragem imperialista da autoridade, a arte pelas criações plasticas em que ha muitos seculos morrera a ilusão doirada da mitologia.

Cumpre-nos revigorar aqueles elementos que, através de todas as idades, são a estrutura da propria organica social. Em vez de mudanças, queremos transformações, em lugar de teorismos abstratos, recebemos submissamente a lição e as conclusões da propria realidade.

Aceitemos nós para o cumprir o conselho esquecido de Herculano: «*No meio de uma nação decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma especie de magistratura moral, é uma especie de sacerdocio. Exercitem-no os que podem e sabem; porque não o fazer é um crime*».

O nosso momento é de afirmação e de crença, de novo se conhece o prazer da acção que nos reconcilia com a vida.

O scepticismo que já algum dia foi elegancia mental, é para nós a forma mais vil da covardia.

Está aberta a crise do Estado moderno ou seja a dos proprios fundamentos da Democracia: a inteligencia já não acredita neles e as potencias do sentimento que a mentira fez bramir nas praças publicas, começam a desiludir-se, ao descobrirem-lhe o aigoz que as sacrificou. Inevitavel será a convulsão, pela anarquia revolucionaria da Russia ou pela anarquia legalizada das republicas, ainda quando uma coroa rial as disfarça em monarquias.

O dever presente

Não receamos o que é natural, nem podemos conjurar o que é irremediavel. Noutros apoios tem de sustentar-se o equilibrio que ha de opôr-se á desordem presente. O nosso primeiro dever é apontá-los e robustecê-los, para que o sacrificio desta idade floresça no dia de amanhã, em ventura para nossos filhos.

Na reconstrução para que lutamos, não ha lugar para a desordem no pensamento, na sensibilidade ou na moral. Não temos o culto das ficções, não conhecemos a arte como devaneio, nem a moral sem Deus.

Libertemos dos politicos de oficio as classes dos campos e das fabricas—Demos á arte a beleza forte em que se consagre a vida, e não consintamos que mãos sacrilegas tombem as flechas que dos campanarios guiam ao ceu os olhos dos crentes.

E, se a chama da fé secou nos corações de alguns de nós, que ela viva em nós ainda como saudade de Deus que tambem é uma forma de crer nele.

O final do discurso do dr. Hypolito Raposo foi coroado por uma vibrante e prolongada salva de palmas.

Em nome do sr.

Dr. Julio de Mello e Matos

que á ultima hora não póde comparecer ao jantar, o sr. dr. Hipolito Raposo leu as seguintes palavras:

Numa época distante, e bem distante parecerá á maioria dos integralistas, houve uma geração portuguêsa, que mais mestres e mais livros iludiu e transviou. Na arte, na sciencia, na historia desperdiçaram-se energias e talentos, na defeza de falsos principios, encobrindo e desvirtuando as lições do passado. Foi essa a infeliz geração demolidora, ultima das que durante um seculo desconheceram a sua Patria, combateram os seus Reis e negaram o seu Deus. Nem todos se perderam na voragem.

Na crença, na sciencia ou na terra encontraram energias sãs e creadoras para fresistir; desapareceram muitos sem vêr o despertar radiante duma nacionalidade que desprezava o que em si tinha de bom para acolher o que de dissolvente lhe traziam de fóra.

Eu fui dos felizes que pude assistir a este despertar. Aos torrões herdados, austeros e rudes, o devo. Encontrei na lição do trabalho da terra, a força para afastar o meu destino das sendas tortuosas, para onde a maioria da minha geração seguia inconsciente e iludida. Aprendi a amar a Terra, e tanto á amei e amo, que a ela dediquei o pouco que podia, com fé, com esperança e sem desanimos.

E esses pobres torrões comunicaram-me a energia para luctar; deram-me a luz para vêr ao longe. Para pagar esse auxilio que me tinha salvo, eu dediquei largos anos na defeza da terra de Portugal.

Poucos éramos nós, e cercava-nos um scepticismo gelido, com indiferença e sarcasmo, que se não esmorecia a fé na nossa causa, quasi anniquilava o nosso esforço, e bem pouco fizemos para o muito a que aspiravamos. Mas desde os mais obscuros soldados dessa cruzada, como eu, aos chefes gloriosos, como Ferreira Lapa e outros, a quem serão tributadas as honras, no dia da organização dos valores nacionaes, todos persistiamos. Eram os meios politicos que maiores obstaculos nos creavam, e com excepção da obra de Emigdio Navarro, o plano de Oliveira Martins e a breve gerencia de D. Luiz de Castro, este um profissional, nada ou quasi nada de fomento agricola se fez no largo periodo secular.

Dois nomes de Reis ha que relembrar: El-Rei D. Pedro V na fundação do instituto de Agronomia e a ultima feição de El-Rei D. Carlos, cuja larga visão de engrandecimento da Patria ia das novas terras de Alem-Mar ás leivas antigas da metropole, que ele artisticamente interpretava e portuguêsmente sentia. Em vão mostramos a riqueza latente da Terra Portuguêsa; em vão pediamos que se espalhasse a lição dos tecnicos, que se multiplicassem os meios de comunicação: ferrestres, fluviaes e marit nos, alicerces indispensaveis do progresso agricola.

A' grande familia agricola indicavamos o unico meio de se valorisar—a associação. Mas o trabalho era aspero e a vereda que abriamos era estreita, nós a rompe-la e outros a fecha-la e nós retrocediamos, ficando contentes de arrieigarmos em alguns espiritos mais abertos, a justiça da nossa causa, de trazermos para o nosso lado vontades decididas; chegaria o grande dia, para nós ou para os que depois viessem e essa certeza nos bastava. Chegou o dia desejado, quando o programa integralista expôz, com nitidez e lógica, a organisação das classes. Estava achada a formula politica do nosso ideal economico. Por isso foi que eu, já de outra geração distante vim para o nosso lado, porque vós respeitarieis e engrandecerieis a linda e generosa Terra Portuguesa e para junto de vós irão a pouco e pouco os lavradores. Todos? Não. Somente os que a amem, e tantos são. Os restantes, os que longe dela estão e a desconhecem, esses ou se arrependerão e para junto dela hão-de voltar, ou dela serão expulsos, como foram do templo os vendilhões. Não são lavradores, são mercantes vis da sua seiva. Bem compensado me sinto de que trabalhei e sofri, porque logrei vêr a geração construtora, a geração da luta, a geração bem portuguêza, que a nossa Patria fará de novo grande, e respeitará a sua Terra linda e generosa. Usurpei, ao falar da Terra Portuguesa, o logar que de direito competia a um dos maiores entre vós—os novos—, e um dos maiores entre nós—os lavradores—Pequito Rebello—. Só me absolve esta ousadia saber que ele seria, longe da sua patria, triste por ninguem dizer no dia de hoje em honra da Terra que ele tão bem sabe trabalhar, palavras de verdade. E ele sabe a verdade das minhas palavras.

Ainda em nome do sr. dr. Julio de Melo e Matos o sr. dr. Hipolito Raposo saúda aqueles que dentro do Integralismo teem dedicado o seu esforço á lavoura nacional, e distingue os nomes do engenheiro sr. Eduardo de Bettencourt Ferreira pela sua competencia reconhecida em questões hidraulicas, o sr. D. José Barahona Fragoso (Esperança) distinto lavrador alentejano, o regente agricola sr. Antonio Filipe de Jesus que tanto se notabilizou pelas criticas ao livro facciosa do republicano Campos Pereira, o engenheiro sr. Duarte Toscano, e tantos outros que nesse campo se afirmaram pela sua competencia e zelo pelas questões agricolas.

Julio de Melo e Matos, o nosso brilhante colaborador, foi muito ovacionado.

Depois toma a palavra o sr.

Padre Vacondeus

Um ano mais não fez senão confirmer, em lições de evidentissima experiencia, a superioridade, o incomparavel valor do nosso programa politico, esperançosa synthese de todo o progresso duma nação. Já tenamos motivos exuberantes de jubilo na sinceridade e no alcance das afirmações expostos por diferentes meios de publicidade. Pensadores e escritores dos mais distintos sobranceiros á sectarismos, conhecedores dos homens e das necessidades do paiz; teem admirado este esforço salvador, ao qual chamarei o resurgir da grande alma da patria. E os que de nós divergem, ankilosados num pessimismo antipatriotico, fazem indiretamente a apologia do Integralismo Luzitano, classificando-o de visionario, como se fôra irrealisavel. Mas o Integralismo Luzitano, inimigo figadal de ideologias e de patetices romanticas mais ou menos estylosas e sempre ôcas, visa objectivos bem praticos e já é uma força moral de respeitaveis efeitos por entre os maleficios das famintas clientelas politicas; porque é a voz da verdade, da justiça e do amor patrio; da tradição que unifica e do progresso que salva.

Honro-me com o ser integralista.

Se o programa é o mais completo, o melhor de quantos em Portugal hão sido elaborados, o confronto dos factos entrevistos pelos seus mais illustres dirigentes, numa clara intuição de sociologos, é eloquente, é decisivo!

São os interesses da nação e os interesses de cada classe que reclamam a realisação deste programa. Quanto á minha classe, a ecclesiastica, sei bem que o Integralismo Lusitano terá nela um solido apoio. E o estado de expectativa, explicavel por tantas desilusões sofridas, convertel-o-ha em eficacissima dedicação o Integralismo Luzitano no reconhecimento da plena liberdade da Egreja e da Religião Catolica como base de toda a ordem e disciplina social, reconhecimento que só o nosso programa faz assim, sem ambages, sem caçadas aos padres, sem extinção de ordens religiosas, sem *Intangiveis*, nem separações, nem expoliações.

Sou, pois, optimista em todos os motivos da minha saudação. O Integralismo Luzitano representa a valorisação de todas as energias e virtudes nacionaes, na mais perfeita conciliação de direitos e deveres de aptidões e de hierarquias. Sacrifiquemos até os nossos interesses pessoaes a este programa de urgentissima realisação.

Bem hajam os que o exaltam ou sejam inteletcuaes amadurecidos no estudo e na experiencia ou a esperançosa mocidade

Integralismo Lusitano

Na ultima reunião de monarquicos, presidida pelo digno representante de S. M. El-Rei, foi apresentada a seguinte proposta de emenda á moção do sr. D. Luis de Castro, Conde de Nova Gôa:

> Considerando que os monarquicos portuguezes devem afirmar sempre a integridade e pureza dos seus principios, distinguindo as questões de facto das formas de direito—propomos que da moção apresentada pelo sr. D. Luiz de Castro seja eliminada a conclusão que confere a todos os monarquicos a liberdade de voto na eleição presidencial devendo a assembleia abster-se de se pronunciar sobre tal assunto em documento publico.
>
> Xavier Cordeiro, Antonio Teles de Vasconcelos, Antonio Sardinha, Francisco Manso Preto Cruz, Rocha Martins, Antonio Horta Osorio, Antonio Fontes, Luiz de Almeida Braga, Armando da Silva, Hipolito Raposo, Pedro Doria Nazareth, Antonio Pereira de Sousa.

O «Integralismo Lusitano» não concorreu como agrupamento politico á reunião de que se trata, sendo simplesmente pessoal a representação que nela tinham os seus membros.

Cumprindo-lhe hoje definir a sua atitude doutrinaria, em face da moção votada, declara perfilhar os termos da proposta, acima transcrita, por entender que a inteireza dos principios não permitia que aquela assembléa se pronunciasse em documento publico sobre um acto politico que importa a negação da verdade monarquica.

A JUNTA CENTRAL.

que intimida os exploradoras politicos, dizendo-lhes: basta!

O ilustre sacerdote foi muito aplaudido.

Em seguida o sr.

Armando da Silva

diz:

Se hoje festejamos um dos mais belos momentos da campanha do Integralismo Lusitano devemo-lo á virtude da nossa intransigencia. Numa hora de convicções moles e bastardas nós temos a alta coragem de falar claro, por meio da tibieza de tantos que se adormecem nas situações turvas, nas soluções transitorias do comedismo flacido que nos arruinou.

Movimento de guerra, o nosso movimento só pede aos juristas as razões de que se carece para desembainhar a espada. Precisamos de convencer primeiro, para vencer depois. Amparase o nosso pensamento, e socorre-se a cada passo das lições dos grandes mestres reaccionarios, para que nos não faleçam motivos de inteligencia, quando defendemos, com o entusiasmo caloroso da nossa mocidade, as altissimas verdades que a sciencia politica consagrou, e que não são de hoje, nem de ontem, porque são de todos os seculos. Ergueu-se Portugal com elas na alvorada da Grei; á sombra delas se ganhou palmo a palmo a nossa terra; no dia em que as esquecemos desgraçadamente, trocando o que nos pertencia a nós, á comunidade mistica da Raça, pela miragem distante do Imperio, pela aventura dourada do Oriente, pela sedução perversa dos *imortais principios* que os soldados do Corso nos trouxeram na ponta das baionetas, perdemo-nos de nós mesmos, sacrificámos a Nação ás solicitações extranhas, e subimos dolorosamente as escarpas rudes do calvario em que nos crucificámos, ao peso dos pecados que as gerações acumularam. Cabe aos nossos vinte anos, cheios de entusiasmo, cheios de fé, do extranho sentido messianico da nossa missão, resgatar as culpas dos que erraram. Na terra acolhedora e santa da Patria os mortos só descansam em paz no dia em que reparamos todo o mal que Deus quiz que nós entendessemos, para o podermos remediar.

Encostemo-nos decididamente á boa sabedoria dos egregios doutores da nossa Contra-Revolução,—José Agostinho de Macedo, Gama e Castro, Marquês de Penalva, Faustino da Madre de Deus, tantos outros que num seculo de desvarios souberam conservar intacta a clareza profectica das suas vistas, para que o presente recebesse do passado mais um pretexto para o seu culto. A experiencia historica conduziu-nos a determinadas conclusões que o nosso positivismo elevou a principios de politica, e que a lição eloquente dos factos confirma todos os dias com argumentos irrefutaveis.

Batemo-nos com desassombro e altivez, porque nos batemos por uma causa justa e abençoada.

Santifique o nosso esforço a memoria altissima do Condestabre. Recorde-se o heroe na predestinação da sua vida, para nos lembrarmos desse extraordinario simbolo, flôr da cavalaria portuguêsa, que um dia, cumprida a sua missão no mundo, vestiu por sobre a cota de armas o burel grosseiro dum habito, e tornado Frei Nuno de Santa Maria, ao cabo duns anos, adormeceu tranquilamente no Senhor, estendido no catre humilde duma humilde cela de monge, com a barba a escorrer neve pelo peito descarnado. Herdeiros de Nun'Alvares, nós os que pelejamos na ala dos novos pelo resurgimento da Patria Portuguêsa, possuimo-nos ha muito da certeza de que a nossa causa sendo justa, é mais que justa—santa.

Constituiu-se a nacionalidade á sombra de duas instituições que formularam a disciplina admiravel da Meia-Idade: a Igreja e a Realeza. Ao mesmo tempo nos esquecemos dos nossos deveres para com Deus e dos nossos deveres para com os Reis. Trouxe-nos o espirito critico da Reforma ao desenganado ateismo de que sofremos já; trouxe-nos o delirio liberalista o abandono da tradição monarquica. E não compreendemos que se quebrara com o passado nacional, no momento em que se fugia do Trono e do Altar, substituindo por figuras vasias de rétorica a protecção do sceptro e a indulgencia do Ceu.

Já que a nossa inteligencia encontrou o mesmo caminho do nosso sentimento, já que se irmanaram no mesmo ritmo, reabilitemos para o espirito as grandes, as imorredouras verdades de que andamos transviados, durante um seculo inteiro em que se dissiparam tesouros de energia e de valor.

O nosso movimento é essencialmente politico. Como o logico genial que é Charles Maurras nós devemos afirmar á frente do programa da nossa geração: *Politique d'abord*. Mas, dentro mesmo desta formula de oportunidade, nós que não podemos evidentemente exigir que todos os que enfileiram conosco sob a insignia do Pelicano comunguem intimamente no mesmo credo religioso, nós sabemos já que pelo reconhecimento das bases da nossa construção politica, todos os que estão á nossa beira aceitam a disciplina e a moral da Igreja Catolica, como fundamento insubstituivel da organização do Estado. Por isso, quando a qualquer de nós falhe ou vacile a fé, em consequencia da crise negativista que atravessámos, mesmo assim, defendendo a Igreja, servirá nos exercitos de Deus, até que a sua misericordia lhe revele a verdade, lhe sossegue a alma.

Catolica e monarquica a nossa geração encontra no seu catolicismo a melhor garantia da virtude eterna dos principios por que se bate. Porque somos crentes, porque proclamamos a ordem divina, e a idéa da auctoridade, nós não podemos transigir nunca com a democracia—facto, como não transigimos com a democracia—abstracção.

Ha sete anos a esta parte que a nossa fé tem sido insultada, e os altares cuspidos pela impiedade; ha sete longos anos que se ensinam as crianças a blasfemar do nome de Deus. Tiraram Cristo da escola e do lar, perseguiram e vexaram os seus ministros, nessa orgia medonha em que tudo se locupletou com os bens dos conventos, donde as freiras foram arrancadas para o exilio, e das capelas, donde as imagens foram expulsas, á voz avinhada e rouca do pregoeiro, num leilão de praça publica.

A afronta não pode apagar-se da nossa consciencia, e por isso encontramos no nosso catolicismo tão duramente experimentado, uma razão mais da convicção realista que a todos nos reune na mesma vontade inquebrantavel de vencermos, ao menos para que amanhã repousemos em terra portuguesa, sem que nos perturbe a tranquilidade de alem-vida o receio de que venham barbaramente mutilar as cruzes de grandes braços hirtos, a cuja sombra amiga eu quero dormir em paz, como dormem os ossos de meus pais.

Constitue para mim um dever ao mesmo tempo grato e doloroso falar em nome da redacção d'*A Garaunha*, no segundo banquete anual do Integralismo Lusitano. E' grato o dever de afirmar neste momento o meu entusiasmo e a minha fé na verdade portuguêsa que todos comungamos, mas é doloroso lembrar que representa aqui um amigo muito querido,—o dr. José Monteiro, director daquela folha integralista e que um motivo de doença impediu de vir a Lisboa tomar parte nesta festa. Daqui de longe o saudo pela nobreza do seu esforço, pela sua dedicação inquebrantavel pela causa da Realeza, e sobretudo pela obra admiravel que tem realizado na Beira Baixa a tenacidade extraordinaria daquele companheiro de sempre que tem no bom combate do Integralismo um lugar vincado singularmente.

E não quero deixar de recordar tambem o esforço inteligente e continuado dos elaboradores d'*A Gardunha*: Eduardo Ferraz e Rolão Preto aqui presentes; José Ferreira que me enviou a sua adesão com palavras de magua por lhe ser impossivel assistir ao nosso jantar.

No sr. Conselheiro Fernando de Sousa que telegrafa de Caceres a sua adesão, eu quero saudar a alma sempre moça que se enquadra numa vigorosa disciplina contra-revolucionaria e que é a primeira e a mais prestigiosa figura da acção catolica em Portugal.

No sr. Padre Vacondeus cujas palavras eloquentes e sinceras foram ha pouco ouvidas com tanto apreço, é que por uma forma tão superior soube interpretar as nossas afirmações de politica religiosa, no sr. Padre Vacondeus eu brindo ao clero integralista, lembrando muito especialmente o Padre Avelino de Figueiredo que na paixão das trincheiras onde os nossos se batem, na terra da França, derrama sobre as almas os tesouros infinitos da sua caridade cristã.

Saúdo igualmente o sr. Conselheiro Julme Pereira Forjaz de Serpa Pimentel, linhagista ilustre que vem de ha longos anos consagrando o melhor do seu tempo ao estudo da genealogia, e que por conclusão logica do seu espirito tradicionalista veiu arregimentar conosco á sombra do Pelicano.

E para rematar brindo á Junta Central do Integralismo Lusitano, prestando homenagem ao nobilissimo pensamento orientador do seu presidente, sr. dr. Xavier Cordeiro, ao espirito scintilante e á alma recta do Conde de Monsaraz, ao artista magnifico que é Luis de Almeida Braga, á dedicação perseverante, justa e inteligente do dr. Hipolito Raposo, e a Antonio Sardinha que consagrando a sua vida ao nosso movimento soube melhor que ninguem surpreender-lhe o extranho sentido mistico com a sua alma incomparavel de apostolo. Nós só lhe pedimos que nos conduzam no futuro com a nobreza e o tacto politico de que o seu passado é a melhor garantia, para que chegue bem cedo a manhã gloriosa da segunda Restauração de Portugal!

Uma expontanea e calorosa salva de palmas coroou as palavras deste nosso querido amigo.

Agora é a vez do sr.

Saturio Pires

que fala como soldado que foi sempre e ainda é. Bem que tivesse de despir a farda guarda-a no coração, guardando com ela a disciplina de militar, cuja aceitação consciente é já por si só uma afirmação de fé reaccionaria, porque a democracia sendo a negação da ordem e da auctoridade é tambem a negação formal de exercito. Por isso era já ha muito um integralista, e não pode dizer-se que aderisse quando se integrou no seu lugar proprio. Falando em nome dos soldados da Galiza que se aglomeram á roda da insignia do Pelicano evoca a alta solidariedade moral que une todos os que andaram pela terra do exilio, lavrando o depoimento altivo dos que se não venderam e não trairam.

Toma a palavra em seguida o sr.

João José de Melo Lapa (Vila Nova d'Ourem)

e diz:

Não tinha eu tenção de levantar a minha desautorisada voz, no meio de tão selecta assistencia. Representante porem, aqui, de meu irmão José de Melo Lapa, as referencias sensibilisadoras com que o sr. dr. Antonio Sardinha se referiu aos militares integralistas que se batem nas terras longiquas de França, entre os quais esté meu irmão, levaram-me a levantar para comovidamente lhe agradecer.

Alem disso, como o mais novo ou dos mais novos dos integralistas, cabe-me o honroso dever de, ao associar-me de todo o coração ás saudações dirigidas a Sua Magestade, saudar a Junta Central em todos os seus membros e em especial, sem desprimor para os outros, no sr. dr. Antonio Sardinha, que, dia a dia, hora a hora, se vem sacrificando, pondo toda a sua valiosa boa vontade e o seu enorme e fulgurante talento, ao serviço da causa Integralista, que é a causa santa da Patria.

Ergue-se nesta altura o sr.

Dr. José de Almeida Eusebio

que profere as seguintes palavras:

Representante da Beira Baixa tambem eu quero dizer, na linguagem rude e simples da minha região, quanto de fé deponho no Integralismo e com que fortalecida esperança aguardo a realisação das suas conciusões politicas num futuro que pode deixar de ser proximo, mas que ha de chegar certamente.

Sentados sobre as ruinas gloriosas do nosso passado, assistindo ao desmembramento diario de uma patria grande e querida, nós seriamos os maiores criminosos se nos limitassemos a chorar, entristecidos, ou a increpar, exaltados, as obras do Constitucionalismo que nos inutilisaram ou as *manobras* da Republica que nos envileceram. Não, o nosso esforço tem de ser positivo, afirmativo, de combate, de construcção e de restauração!

Portugal não pode ser diminuido!...

Portugal não pode morrer!...

Criar, o poder de concretizar o nada, é um dos atributos da omnipotencia divina. O homem, os povos, não teem aquele poder criador, mas, dispõem por veses de uma qualidade superior muito proxima, pela qual, quando se é grande e virtuoso, se transformam ou reunem varios elementos fornecidos pela Natureza numa obra nova, original, boa e perduravel. Então, costuma dizer-se que o homem ou os povos são criadores. De facto se o super-homem podesse ter existencia, seria sómente aquele que, *criando*, melhor copiasse o modelo divino. A qualidade superior de criar imortalisa os homens e eternisa os povos. Ao lado de muitos outros povos criadores, Portugal que criou uma obra gigantesca de civilisação, é digno de vida, não pode morrer. Portugal criou imorredoiramente rotas no mar imenso e ignoto e entre a humanidade nacionalidades que falam a sua lingua e teem os seus sentimentos. Portugal não pode morrer porque é constituido por uma grei de brilhantes virtudes... Bonda depurá-las. Se nem o poderio de Castela pôde em sessenta anos afogar o nosso valor nacional, tambem agora o não conseguirá este seculo, 1820-1920, de abastardamento politico. Quando este seculo, que bem poderá denominar-se o seculo parlamentar da nossa historia, pervertendo os governados, chacoteando os melhores dos governantes e infamando, assassinando até, os reis, não fez desabar a velha muralha portuguesa, é porque esta Patria, rialmente, cimentada em sangue de herois e santos, é imortal!...

Como vivo nas abas do Ermineo de onde desço para vir gosar o prazer destes momentos, não sei porque associação de ideas, eu tenho a impressão de que o Integralismo Lusitano é já como a montanha, um sistema musculoso e indomavel, avassalando os espiritos, fazendo-se seguir e admirar, respeitar e amar... Nos sômos o Ermineo a lo vantar-se, herculeo, na chã planicie da filosofia politica do figurino frances. Fortes como o Ermineo, havemos de dominar! De mãos e de consciencia limpas e claras como a neve das alturas do Ermineo, esclarecidos pela mais autorisada Sciencia moderna, cheios de amor pelo resurgimento da nossa Patria, nós dispomos de todos os elementos e condições para ditar, até pela revolução, se fôr preciso, a restauração da Monarquia portuguesa.

Ergue-se agora o sr.

Joaquim de Almeida Braga

Que diz vir ali trazer o aplauso dos estudantes integralistas de Coimbra. A festa de hoje é uma brilhante demonstração da vitalidade das ideias contra-revolucionarias. Não foi perdida a semente lançada em *A Nação Portuguesa*. O movimento esboçado nas paginas dessa revista, tão cheia de ensinamentos, vai agora ganhando fortes e fundas raizes nas consciencias ás da sua geração. Por isso saúda os dedicados jornalistas de *A Monarquia*, o grande diario monarquico português.

Encontra-se na sua frente um companheiro do exilio, que não quer deixar de saudar tambem. Refere-se a D. Marcos de Noronha, que na tarde abrazadora do combate da Chaves, quando perdia com a esperança o alento, o amparou e auxiliou tanto, que só ao seu favor deve o não ter caído ali de vez!

E já agora permitam-lhe tambem que lembre o nome de Menezes Farreira, que em Coimbra foi seu camarada de todas as horas, e que ainda ha pouco fez o sacrificio extremo de ir ao parque Eduardo VII bater-se por uma causa que só por dias breves poderá assegurar o triunfo da ordem.

Em nome dos estudantes integralistas de Coimbra bebe pelas prosperidades da causa que a todos ali leva, terminando por saudar a Junta Central.

Tem a palavra em seguida, o

Dr. Francisco de Rolão Preto

Que saúda com calor os movimentos conservadores dos povos latinos: os *camelots du roi*, os *irredentistas* italianos, as juventudes mauristas e carlistas da visinha Espanha; e brinda á futura Internacional reaccionaria.

Fala depois o sr.

Alfredo de Freitas Branco

A Junta Provincial e a Secção Escolar do Integralismo Luzitano na Ilha da Madeira bem como o nosso orgão da imprensa «O Realista» deram-me a subida honra, que gostosamente aceitei, de os representar neste jantar comemorativo do primeiro aniversario de «A Monarquia».

Não irei abusar da vossa paciencia com delongas e floreados de discurso. Permiti-me duas palavras apenas, onde resumidamente possa traduzir quanto de perto os nossos correligionarios de Alem-mar nos teem acompanhado com o seu esforço e entusiasmo nesta luta insana em que andamos empenhados «pola ley e pola grey.»

Na Ilha da Madeira—de sempre profundamente catolica e monarquica—só ha cerca de um ano o Integralismo se tornou conhecido. Fui eu—disso me orgulho sem querer alardear serviços nem reclamar aplauses pois que apenas cumpri o meu dever—quem primeiro expoz em publico, numa conferencia sobre «A Familia e a Sociedade», na J. C. do Funchal, o corpo de doutrinas integralistas.

A semente, lançada em bom terreno, germinou e frutificou quasi momentaneamente; as nossas inaximas encontraram eco e valiosas foram as adesões.

Organisadas a Junta Provincial e a Secção Escolar volvi a Lisboa. A acção Integralista na Ilha da Madeira sob o ponto de vista de propaganda e de intervenção pratica denota bem o supremo esforço e a profunda fé dos nossos valorosos amigos naquela linda ilha que foi meu berço. Deveria lêr um relatorio deste ano de trabalho. Não abusarei da vossa bondade nem da vossa paciencia e limitar-me-hei a citar dois factos que *marcam* e que por si sós já compensavam bem tanto sacrificio.—Desde a nossa intervenção na Guerra, a Madeira quasi abandonada e esquecida do governo da republica tem atravessado uma crise intensissima e terrivel. Isolada no meio do Oceano dificil se torna a comunicação com o continente. Havia uma alarmante falta de cereais e de viveres. A fome ameaçava. A Junta Provincial reunida resolveu apresentar a Associação Comercial do Funchal um alvitre. Recebida distintamente a nossa intervenção, logo a Associação oficialmente comunicou á Junta Provincial que tomando em consideração o acertado alvitre já nesse sentido procurára tratar com o governo central para a solução pronta da crise. Estava no poder o sr. Afonso Costa e o seu bando... Equivale esta particularidade á afirmativa de não serem atendidas como se pretendia as reclamações da Associação... Em todo o caso os Integralistas da Madeira mostraram praticamente saberem cumprir o seu dever...

Mais tarde quando das eleições administrativas em novembro de 1917 foi ainda por iniciativa Integralista que os monarquicos concorreram á urna disputando a eleição aos democraticos, que de tal pavor se possuiram, que se lançaram nas mais desvairadas e abusivas perseguições para impedir a nossa concorrencia! Entre essas violencias sobresaem a apreensão de mais de 3.000 *listas da cidade* — tambem conhecidas por *listas monarquicas*— a prisão dos tipografos, do proprietario da tipografia, e de varios elementos—tudo *gente nossa*.— Isto dáva-se ás *horas da noite* na cidade do Funchal, e praticava-o a *policia fardada*, sob as ordens dos magnates democraticos sem o menor segredo! Bem ás claras!

A's 11 1|2 da mesma noite, eu que até então fora poupado, regressando a casa fui assaltado á porta por uns assalariados da democracia que pretendiam dar-me por certo *passaporte para o outro mundo* se não tivesse sabido repellir energicamente a violenta agressão de que, em todo o caso, não sai incolume. Longe de afrouxarem, os Integralistas redobraram o ardor e trabalharam de modo que *apenas em 12 horas* conseguiram uma votação assombrosa, apesar de todas as *habilidades* da democracia... Hoje na Madeira monarquicos e catolicos formam um bloco bem resistente e valioso. E' o resultado da acção Integralista que pelo *O Realista* não cessa de mandar unir fileiras...

Muito teria que dizer mas, não vos assusteis, ficar-me-hei por aqui.

Antes porem quero nomear o primeiro Integralista que encontrei na Madeira e que logo empreendeu desassombradamente a luta pelas nossas ideias: foi o sr. Ramon Rodrigues. A' sua fé e ao seu esforço muito devemos. O Dr. Juvenal de Araujo e Padre Eduardo Pereira tambem muitos serviços teem prestado á causa. Não deverei esquecer a acção da 1.ª secção escolar composta pelos srs. Gregorio de Paiva Cunha, Augusto Blaize de Oliveira e Castro Rodrigues, e Luiz de Castro de Freitas Branco — dois destes aqui estão presentes—Mas se vou a inumerar jamais findarei e prometi ser breve.

Resumindo: hoje o Integralismo Lusitano na Madeira representa um grande baluarte onde contamos elementos valiosissimos do alto e baixo comercio, industria, medicina, advocacia, clero, operariado, etc.

Dos amigos que muito nos teem auxiliado e a quem sou devedor da maior consideração, é o sr. Francisco Meira, presidente da Associação Comercial do Funchal, eleito pela nossa *Lista da cidade*, para procurador á Junta Geral. Não quero estabelecer melindres e como seria longa a enumeração dos valiosos vultos com que contamos, limito-me em afirmar que em todos os integralistas da Madeira contamos com elementos de subido valor que muito teem feito pela *Causa do Pelicano*.

E vou findar afirmando que, se entre todos tenho encontrado desvelo e entusiasmo, muito em especial nos *humildes*, naqueles que não aspiram a *penachos* nem *honrarias*, é que mais desinteressada me vocação encontrei. Com estes, muito em especial me achei nas horas do perigo e com eles conto de alma e coração em todos os momentos dificeis, como todos sabem, que poderão sempre contar comigo.

Quatro amigos, de cuja amisade me orgulho, vou nomear. Não os conheceis mas podereis talvez algum dia ouvir nomea-los e lembrai-vos de que os apontei como homens honrados, dedicados em extremo, mesmo até onde não podereмos conceber dedicações nestes tempos de egoismo e vaidade. São eles Manuel Luiz Vieira, Abilio Melim, Jayme Lino Ribeiro e Antonio de Freitas: comerciante e o primeiro, empregado no comercio o segundo e terceiro, oficial de tipografia o quarto.

Quando a democracia, senhora do poder, ameaçava a nossa causa, e tambem me ameaçava de morte, estes quatro amigos, em especial entre alguns mais, encontrei-os inabalaveis e dedicados a meu lado, arriscando quanto podiam arriscar sem vacilarem, sempre firmes.

—«As palavras são como as cerejas»—fui mais extenso do que queria. Perdoae-me. Agora vou terminar afinal, pedindo-vos me acompanheis bebendo pos El-Rey, pela Serenissima casa de Bragança e por esses bons e gloriosos portugueses que estão alem fronteiras sob as ordens dos quais combati pela causa santa — Henrique de Paiva Couceiro, Jorge de Perestrelo, Camacho e Mario de Souza Dias.

O discurso deste nosso querido amigo, presidente da Junta Regional da Madeira, foi aplauditissimo.

Mais representações

Ao nosso redactor principal dr. Antonio Sardinha, foram enviadas mais as seguintes adesões ao nosso banquete:

—Dr. Gusmão Araujo, Francisco Brandão Figueiredo de Faria e José Martins de Sousa. Tambem o senhor dr. Weiss de Oliveira, bom amigo *du dehors*, nos cumpri i enton calorosamente, pelo primeiro aniversario de *A Monarquia*.

Conde de Vila-Pouca

Este nosso ilustre amigo era representado no nosso banquete pelo nosso querido amigo dr. Luiz de Almeida Braga.

(Conselheiro Antonio Cabral

Visitou-nos ontem este ilustre marechal monarquico que veiu trazer-nos o seu aplauso á obra de *A Monarquia*.

Honra-nos sobretudo esse aplauso, tanto mais que, não sendo o senhor conselheiro Antonio Cabral dos que se dizem mais perto de nós, não foi dos que na ultima reunião monarquica mostraram ter em menos conta a dignidade e o respeito dos principios que dizem defender.

Telegramas

«Mona quia»—Lisboa

Reiteirando minha adesão saúdo Integralismo Lusitano.

Artur Segurado.

N. R.—Este telegrama é o que foi saúdado pelo chefe da estação de Faro, como nosso logar noticiamos.

Monarquia-Lisboa:

Saúdo cordialmente primeiro aniversario jornal mil sinceros votos crescente prosperidade campeão intemerato da tradição e verdade.

(a) Oliveira Monteiro.

Dr. Ruy E. Ulrich

Por motivos estranhos á nossa vontade ainda hoje não podemos publicar o discurso do nosso ilustre amigo dr. Ruy Ennes Ulrich, o que faremos amanhã.

Ainda a reunião de ante-ontem

Supozemos que fora casualmente omitido pelo *Diario Nacional* o nome do nosso camarada Armando da Silva que assinou tambem a proposta apresentada pelo sr. dr. Xavier Cordeiro na reunião de ante-ontem. Diz hoje a referida folha que a responsabilidade lhe não pertence porque a proposta foi publicada nos termos exactos em que lhe foi comunicada *por quem de direito*. Queremos acreditar que o *Diario Nacional* se engana e que se não trata duma copia oficial, fornecida *por quem de direito*.

O "Cabo Elisio," ou o chefe da estação de Faro

O telegrama que noutro logar publicamos, do nosso prezado correligionario sr. Artur Segurado, ficou retido na estação de Faro.

O «Cabo Elisio» da estação telegrafo postal dessa cidade, procedeu assim, porque defensor da republica, julgou que o referido telegrama *«era contra as actuais instituições...»*

Como não sabemos como classificar o *gesto* do chefe da estação, não fazemos comentarios, limitando-nos apenas a agradecer ao nosso prezado correligionario sr. Artur Segurado o seu telegrama de saudação que só hoje recebemos em carta.

Liga Naval Portuguêsa

A proxima conferencia realisa-se no dia 16 do corrente sendo orador o Ex.mo Sr. Dr. Antonio Sardinha.

A mercação de logares faz-se nas condições do costume.

Notas desportivas

O Sporting Club de Portugal em Espanha

Os jogadores do 1.º «team» do Sporting Club de Portugal que foram a Huelva jogar alguns desafios de «foot-ball» venceram o «team» espanhol por 2 «goals» contra 0.

Dr. Fernando Baeta Neves

Este nosso presidissimo amigo foi nomeado director do Gabinete de Ophtalmologia no Hospital da Estrela e por este facto apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

Mondego-Algarve Companhias de Seguros

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anuncio da firma Ribeiro da Cunha, Limitada, delegados da Companhia de Seguros «Algarve», com séde em Faro e da Companhia de Seguros «Mondego», com séde na Figueira da Foz.

E' director-tecnico das duas Companhias o sr. Joaquim Ribeiro da Cunha uma das figuras que em materia de seguros é só por si a garantia mais que suficiente para o bom credito das duas novas Companhias.

Jornadas e Salões

Aniversarios

Fazem hoje anos as senhoras:

D. Julia Pinto Leite.

D. Maria Inez Dotti.

E os srs.:

D. José Manuel da Cunha Menezes.

Arnaldo Vilar de Sousa (Bolhão).

Joaquim Leite de Bessa Pinto.

Festa de caridade

CORRIDA POR AMADORES

Por iniciativa da sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva e aproveitando uma gentilissima oferta de um curro do opulento lavrador sr. Antonio da Silva Lapa, realisa-se dentro de pouco tempo na praça de touros do Campo Pequeno uma extraordinaria corrida de beneficencia em que toma parte distintos amadores sendo a sua organisação a cargo do Club Tauromaquico. O producto da corrida será distinada uma parte a Assistencia dos Portugueses ás Victimas da Guerra e por duas associações de beneficencia protegida pela mesma ilustre senhora.

Recita elegante

Como já foi noticiado, deve realizar-se no dia 25 do corrente, no teatro do Ginasio, em recita extraordinaria, com a interessante peça de Gavaud, «A sopa no mel», a estreia, como actor, de Rodrigo Samwell Diniz, rapaz muito conhecido entre a sociedade elegante de Lisboa, e no meio teatral, como apreciado auctor dramatico.

Este debute, que está despertando vivo interesse no nosso meio artistico e mundano, marcará por certo um novo triunfo para Rodrigo Samwell Diniz atendendo ás suas primorosas qualidades de inteligencia e fino espirito e figura distinta.

Sabemos que a nossa selite terá «rendez-vous» nessa noite no Ginasio, estando já marcados muitos logares.

Por todos os motivos, a noite de 25 do corrente marcará uma das mais artisticas, elegantes e entusiasticas no «carnet» da nossa melhor sociedade.

Festas de caridade

No Nacional

As recitas de caridade a que nos temos referido, em que subirá á scena a peça «Borboletas», original da ilustre escritora D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, no teatro de D. Maria II, realisa-se nas noites de 5 e 7 do proximo abril.

Estão já quasi exgotados todos os bilhetes, podendo os restantes ser requisitados em casa da ilustre senhora D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva.

E' grande o interesse que existe em assistir a estas recitas, e por consequencia não é para extranhar a enorme procura que os bilhetes teem tido.

No Politeama:

Vae aumentando de dia para dia o entusiasmo pela elegante recita de caridade que no dia 22 do corrente mez se realisa no teatro Politeama.

Esta festa é, como temos noticiado, da iniciativa da senhora D. Amelia Burnay Morales de Sá Ribeiro, a qual tem sido incansavel na sua organisação.

Notas da Arcada

Teem corrido hoje com insistencia boatos de alterações de ordem publica por parte de elementos adversos ao governo, mas sabemos que o governo está preparado para aniquilar todas as tentativas revolucionarias.

Confirma-se o que sempre dissemos que a Lei da Separação da Igreja do Estado ia soffrer profundissimas alterações de modo a que os catolicos nada tenham a queixar-se da lei, tanto mais que a maioria dos parocos não são contrarios á Lei da Separação mas não a tam como ela está.

Teatros e cinemas

Reclamos

REPUBLICA—Um esplendido espetaculo esta noite, neste belo teatro com a originalissima peça «O grande magico», trabalho scenico de Ferreira da Silva e com a alegre e movimentada revista «Bola de sabão», com Angela Pinto no «comperes».

GINASIO—Mais uma recita hoje com a espirituosa comedia «O filho da Carolina», que tem agradado extraordinariamente.

AVENIDA—A sociedade elegante reune-se hoje, no Avenida, na 1.ª recita da moda com lhe é dedicada, constituida pela representação da linda e popularissima *op reta* «A filha de ser.ª Angot».

A linda opereta nesta sua reprise, apresenta um conjunto que excede a expectativa mais optimista.

No que se refere á interpretação vemos nos principaes papeis, Elelvina Serra, Alice Pancada, José Ricardo e Armando de Vasconcellos, completando o conjuncto Marrinó, Correia, Viana, Sebastião Ribeiro, Amaral e Paiva.

Para a recita desta noite foram, antecipadamente, fomados muitos camarotes e logares de plateia.

TRINDADE—Hoje festa artistica de Zulmira Vargas e Rosa Mateus, dois modestos artistas de recursos apreciaveis, com mais uma representação da interessante e instrutiva revista de Schwalbach cujo ultimo trabalho «Ao Deus dará» continua sendo ensaiado ativamente neste mesmo teatro.

Amanhã é beneficio.

EDEN—Reapresenta-se, hoje no Eden a famosa revista «A Torre de Babel», um dos mais grandiosos e recentes exitos da atualidade.

A famosa peça está dando enchentes consecutivas sendo muitos dos seus numeros entusiasticamente aplaudidos, entre eles o do «minuto 11», «O Fado do Cisco», «Os Pandegos do domingo» e «A Cega-Rega dos assaltantes».

A «Torre de Babel» vae á scena em duas sessões.

APOLO.—Ao publico que frequenta habitualmente o teatro Apolo e que ali tem admirado e aplaudido o «Papagaio Real» diremos que deve no proximo sabado encher lateralmente esse teatro em homenagem a um artista modesto mas de muito talento que na peça tem feito com exito absoluto os seus principaes papeis. Referimo-nos a Alfredo de Souza que, sem ser um consagrado, é um artista digno de figurar no elenco de qualquer companhia e em qualquer genero de teatro.

De resto, as noites que restam ao «Papagaio Real» são poucas pois se despede definitivamente no proximo domingo 7.

Cinemas

COLISEU DOS RECREIOS.—Toda a Lisboa fala no grandioso e incomparavel exito alcançado pelo extraordinario film «Judex» de que hontem se estreou a 10.ª serie «O coração de Joaquina» que agradou immenso.

A sua repetição hoje, constituamente com a 9.ª serie «Quando a creança apparece» garante uma enchente.

No programa tambem figura o emocionante drama «Sacrificio de Honra».

Na 5.ª feira, estreia da 11.ª serie, «Serenol... Ondaisa!...»

Companhia Portugueza de Fosforos

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 4:500.000$00

Meza da assembléa geral

E' convocada a assembléa geral ordinaria d'esta Companhia para o dia 26 do corrente mez, pelas quatorze horas, no edificio do Banco Lisboa & Açores, sendo a ordem do dia:

Discutir o relatorio do Conselho de Administração sobre a Gerencia de 1917 e votar as conclusões do Parecer do Conselho Fiscal.

Lisboa, 6 de março de 1918.

O presidente da meza
(a) Izidoro José de Freitas.

Companhias de Seguros "MONDEGO"

Capital 600.000$00.
Séde: Figueira da Foz.

"ALGARVE"

Capital 600.000$00.
Séde: Faro.

Delegação em Lisboa:

Ribeiro da Cunha, L.da

Rua do Comercio, 73, 2.º

Efetuam toda a especie de seguros, e especialmente:

Seguros maritimos e guerra.
Seguros de guerra, gréves e tumultos.
Seguros contra fogo e roubo.
Seguros agricolas, etc.

As Companhias de Seguros **MONDEGO** e **ALGARVE**, pelas suas relações no paiz e no estrangeiro, estão em condições de poder tomar importantes responsabilidades com a mais absoluta garantia para os senhores segurados, fazendo sempre os melhores premios.

ESPECTACULOS

REPUBLICA—A's 21—«O Grande Magico» e a revista «Bola de sabão».

AVENIDA.—A's 9.—Festa artistica de José Ricardo—«A filha da sr.ª Angot».

TRINDADE—A's 9—«Ovo de Colombo» revista.

GINASIO.—A's 9,15—«O filho da Carolina».

APOLO—A's 21—«Papagaio Real», revista.

EDEN.—A's 8 e ás 10.—«A torre de Babel».

COLISEU DOS RECREIOS.—A's 21.30—A's 7,15 e 8,30 series do «Judex» e «A dama de luto»—«O Subterraneo do Castro Vermelho»—«Anas da guerra n.º 36».

SALAO FOZ.—A's 20 3|4 e 22 1|2—Operas «Flor do Bem».

SALAO DOS ANJOS.—A's 20—A revista Cruzes Canhoto.

Teatro Estrela (calçada da Estrela)—A's 9.—«Do Camões á Estrela».